

“Visão do Paraíso”

O novo livro de Sergio Buarque de Holanda — “Visão do Paraíso” — conquanto de historia e interpretação do Brasil, pela leveza da explanação, a limpeza da linguagem, o criterio de seleção é um livro de poeta tanto quanto de historiador. É um livro que caracteriza o humanista que soube especializar-se sem se escravizar á especialização e assim pode dispensar o descolorido jargão tecnico sem nada perder em profundidade. A critica literaria e a pratica do ensaio fizeram de Sergio Buarque de Holanda um estilista. É o que dá a seus livros mais aridos um encanto que entre os demais historiadores só vislumbro em Paulo Prado e Alcantara Machado. Esta reflexão, eu a faço novamente ao folhear “Visão do Paraíso”. Sergio Buarque chegou nesta obra a uma limpidez de exposição e a uma elegancia que realmente impressionam e valorizam ainda mais a erudição do autor e sua sutileza na analise dos fatos e textos historicos. O que aponta nesse livro é um aspecto da colonização portuguesa que, em parte, explica o milagre da unidade brasileira: o espirito funcional de nossos desbravadores, seu apego á realidade, sua faculdade de adaptação ao meio que outros povos mais sonhadores não tiveram. Essa conjugação da audacia á prudencia, essa capacidade de fitar o céu sem tirar os pés do chão, constituíram em verdade a grande força e o segredo do exito lusitano em terras da America.

Em “Raizes do Brasil”, Sergio Buarque já observava que os portugueses não tinham como outros colonizadores “feito preceder o mundo das formas vivas do mundo das formulas e dos conceitos”. Efectivamente, a essa especie de bovarismo escaparam os lusitanos. Es-

tes, como diz o ensaista, caracterizam-se pela sua “adesão ao real e ao imediato”. A “inspiração prosaicamente utilitaria” dos cronistas portugueses não os levou a se deixarem empolgar pela visão de um paraíso recuperado. Uma constante preocupação de tirar partido pratico da terra descoberta evitou-lhes aventuras que não evitaram os espanhois. Por isso enquanto estes ainda se aplicam a destruir e converter, criando ressentimentos e odios, já os portugueses vão alcançando resultados positivos na assimilação do gentio e na exploração das riquezas brasileiras.

Essa mentalidade pratica que se manifesta desde os primeiros anos e melhor se evidencia com o correr do tempo, tanto na organização das estatisticas da colonia — precisas e conduzidas em vista do aproveitamento economico e sociologico dos dados — como nas cartas dos missionarios sobre os costumes dos indios e a maneira de com eles conviver utilmente, essa mentalidade que dá Camões, um narrador, e não Cervantes, um sonhador, é que faz do Brasil o milagre latino-americano.

Mas não está nas teses desenvolvidas por Sergio Buarque de Holanda o valor principal de seu livro. Este reside, já o disse, na beleza e na riqueza do estilo, no conhecimento profundo e nada pedante, nada professoral, do assunto tratado, nas qualidades que se confirmaram e se aprimoram do grande escritor que tanto brilha no ensaio como brilhou anteriormente na critica literaria. Com suas quatrocentas paginas de texto e notas minuciosas, é “Visão do Paraíso” um livro que se lê de um folego, e se volta a ler pelo interesse que tem e o prazer que dá.

S. M.

© Estado de São Paulo

06.12.1959